

## Parcerias muitas vezes bem tumultuadas

**Amor & Arte - duplas amorosas e criatividade artística.**

**CHADWICK, Whitney e COURTIIRON,**  
Isabelle de (org.) Trad. de Ana Lúcia Borges.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

Assim como inventaram imagens como "rainha do lar", os ideólogos do patriarcado cunharam o clichê ainda hoje usado de que "portrás de um grande homem há sempre uma grande mulher". Mas havia quem discordasse, e não pelo fato de se afirmar, com isso, que a mulher tem que estar sempre "por trás". Em artigo bastante divulgado no Brasil em 1937, intitulado *O Que eu Penso das Mulheres*, o ditador italiano Benito Mussolini destruía esta idéia, com argumentação que vale a pena ser lembrada, nesta época em que se volta a ter bastante condescendência com o fascismo.

"É absurdamente falsa a lenda que diz deverem os grandes homens seu triunfo às mulheres. Nenhum homem alcançou êxito devido à força impulsivadora de uma mulher. Pode ser que uma mulher, com a qual simpatizou, o tenha distraído em seus momentos de descanso, com sua agradável companhia; mas não foi a influência direta desta que o elevou ao clímax de sua posição. Se examinarmos a história, encontraremos numerosos exemplos que atestam todo o contrário. Muitos homens eminentes, imperadores, reis e homens de Estado deveram seu ocaso a algumas mulheres que minaram a força de caráter e o espírito de determinação, cujo desenvolvimento lhes havia custado anos de perseverante constância", afirmava o Duce, concluindo adiante que "deverão passar vários séculos até que as mulheres compreendam suficientemente o mecanismo da política e cheguem a ser uma força útil para as nações".

Não sou exatamente uma otimista, mas creio que nenhum chefe de Estado do mundo, hoje, teria a coragem de dizer tais barbaridades. Avançamos, portanto. Mas não é suficiente para que se considere de igual maneira um artista, um intelectual, um político, seja homem

<sup>1</sup> O texto em português é da revista *Walkyria*, julho de 1937, p.43.

ou mulher. De modo geral, a mulher continua sendo a auxiliar, a apoiadora. Nem Sôâne de Beauvoir, com toda a força que fez, conseguiu provar ao mundo que era tão capaz quanto seu companheiro e parceiro Sartre.

A questão colocada agora, porém, é mais interessante: até que ponto uma relação afetiva e sexual ajuda ambos os parceiros na tarefa criadora?

Whitney Chadwick é professora de arte em São Francisco, Estados Unidos, e tem se dedicado ao estudo da criação artística feminina (ou das mulheres). Isabelle de Courtiron é professora de civilização francesa da famoso MIT (Massachusetts Institute of Technology) e autora de uma biografia de Clara Malraux. Em parceria, organizaram um livro, *Amor & Arte*, sobre treze casais "que compartilharam uma parceria tanto sexual quanto criativa". E a questão de "mulher por trás" ou de "homem castrador" ficaria minimizada pelo enfoque novo dado ao tema e também pelo fato de dois destes casais serem homossexuais: Virginia Woolf & Vita Sackville-West e Jasper Johns & Robert Rauschenberg.

As 13 histórias são escritas por colaboradoras diversas; as organizadoras se encarregaram de dissertar sobre Sonia & Robert Delaunay (Chadwick) e Clara & André Malraux (Courtiron).

"Os ensaios aqui apresentados sugerem que, embora a maioria dos artistas e escritores não escape dos estereótipos sociais sobre a masculinidade e feminilidade e de seus supostos papéis na parceria, muitos assumiram outros tipos de relacionamentos não estipulados. Talvez porque, como estudiosas feministas, temhamos nos concentrado até recentemente na coerção social, não compreendemos totalmente a riqueza das interações privadas que operam no interior dos relacionamentos" - afirmam as organizadoras na Introdução do livro.

Esta boa intenção de se afastar do maniqueísmo homem carrasco/mulher vítima, porém, não se traduz nos dois artigos das organizadoras, André Malraux sal da história de Courtiron como um verdadeiro vampiro, que sugou tudo de Clara, apresentada como a pobre-coltada seduzida e abandonada: "Clara, excluída da história e do discurso, dedicou a maior parte de sua energia a configurar sua [de André] versão dos fatos" (p.51). E, tendo uma vez ouvida da marido que "é melhor ser minha esposa que uma escritora de segunda categoria", André respondeu:

na tudo o que Clara escreveu em termos de ficção foi produzido depois que se separaram garantir sua biografia. A ruptura da dupla foi áspera feroz. Depois que se separaram, no final dos anos 30 ele nunca mais falou com ela sua família e amigos afirmaram que ele nunca leu uma palavra da que ela publicou (p.52).

No caso dos Delaunay embora Chadwick afirme que seu encontro em 1908 marca o começo de um dos intercâmbios artísticos mais produtivos e de certa forma mais mutuamente enriquecedores do século XX (p.30) Sonia ao invés de ser reconhecida como grande pintora como Robert Delaunay fica a inventar bordados e a pintar tecidos para ganhar a vida enquanto o marido brilha nos salões de pintura.

Não é de admirar que a primeira obra puramente abstrata de Sonia Delaunay não tenha sido uma pintura e sim uma colcha de retalhos e appliqués (sc) de cubos e arcos geométricos de cores vivas feita logo depois do nascimento do filho do casal em 1911 (p.33).

Sonia afinal será a mais conhecida entre vários artistas do século XX cujos desenhos foram aplicados ao mundo da moda (p.40) e só a morte de Robert libertou-a da convicção de que somente um dos dois poderia seguir a carreira pública como artista. (p.41)

Embora estas parcerias desiguais demorem um certo fracasso da ideia que o livro promete dar o conjunto das histórias nelas reunidas e da maior importância. Não vem ao caso o fato de que hoje o mercado de arte esteja valorizando (para muitos artificialmente) a obra

de Frida Kahlo em detrimento da de Diego Rivera seu protetor e incentivador. No belo ensaio de Hayden Herrera o que se vê é um casamento de um pintor famoso com uma iniciante resultar em uma riquíssima troca intelectual e artística apesar das tribulações no seu relacionamento sexual. Lilian Hellman & Dashiell Hammett Camille Claudel & Auguste Rodin Anaïs Nin & Henry Miller Leonora Carrington & Max Ernst Kay Sage & Yves Tanguy Vanessa Bell & Duncan Grant Simone & André Schwarz-Bart Lee Krasner & Jackson Pollock além das duplas já citadas cada história apresenta novas e muito bem tratadas questões sobre a competição entre casais quando cada um dos parceiros pretende o sucesso artístico.

O melhor do livro é exatamente isto: não há uma conclusão. Virginia Woolf teria sido uma escritora menos bem sucedida se não tivesse encontrado Vita? Foi Rodin a sua verdade que levaram Camille à loucura? O relacionamento homossexual é mais propício à criação artística? Não se tenta responder a irresponsável ou mesmo o que nem sequer cabe perguntar. Apenas se procura resgatar histórias de vida a dois que podem ser infinitamente diferentesumas das outras de pessoas que adquiriram fama em consequência de sua atividade artística. É curioso, simpático, estimulante. Mas não da para ser generalizado. E as organizadoras do livro têm o bom gosto de não tentar.

ANA ARRUDA CALLADO ■

## Uma experiência a ser vivida

**Entre Amigas A correspondência de Hannah Arendt e Mary McCarthy (1949-1975)**

BRIGHTMAN Carol (org.)

Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995

Difícil é a tarefa de resenhar uma obra como *Entre Amigas*. A dificuldade cresce a cada página que se avança pois a leitura é tão envolvente tão adocicante produz um tal en-

contamento que se torna quase impossível assumir uma postura minimamente crítica.

Na verdade *Entre Amigas* não é para ser comentado, não é para ser criticado ou discutido e para ser lido. É antes de tudo uma experiência a ser vivida. Os romances são escritos para nos leitores e leitoras os dianos quando verdadeiros se esgotam no ato de escrever de outra forma são romances distorcidos. A carta entretanto está em uma posição muito especial e para ser lida apenas por um outro. Nela está contido o outro no texto de cada um. E o outro está contido em cada linha. Na correspondência entre Hannah e Mary sempre en-